

Acordo agrário está por um ponto

Preservação da propriedade produtiva adia a decisão para hoje

EUGENIO NOVAES



Ronaldo Caiado apresenta suas propostas ao Centrão sobre o capítulo da reforma agrária

Caiado ameaça fazer boicote a quem votar contra fazendeiros

No início da noite de ontem o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), ao sair da sala do líder Mário Covas (PMDB-SP), levou até Ronaldo Caiado, presidente da União Democrática Ruralista (UDR) o último ponto acordado pelas lideranças partidárias sobre reforma agrária: a propriedade produtiva será vinculada à função social, podendo ser desapropriada quando deixar de cumprir. Depois de alguns minutos de conversa, veio a reação em voz alta de Caiado. "E preciso proteger o proprietário que produz". E, em seguida, no mesmo tom, a resposta do senador: "E preciso proteger quem trabalha também". Estava configurado o nó cego do acordo.

Alinda na sala de reuniões da liderança do PMDB na Constituinte, o líder dos peccuaristas reuniu-se com vários representantes da classe e com os deputados Ronaldo Cezar Coelho (PMDB-RJ) e Afif Domingos (PL-SP). Os parlamentares tentavam argumentar sobre a necessidade do acordo e a responsabilidade de PMDB nas votações. Em contrapartida, ouviram do diretor administrativo da UDR nacional, Cesar Moura, que o Brasil não é um país só de industriais e que "fazendeiro existe em todo canto e tem vergonha na cara". Cesar terminou a frase com uma advertência: "15 de novembro está aí".

O mesmo diretor ainda comentou: "Se eu tenho um saco de gambás, não vou levar um deles para casa. Ou eu não levo nenhum, ou carrego todos". Em resumo, o recado dele era: ou se faz uma negociação bem feita ou não se faz nenhuma. A definição do quadro veio do próprio Caiado. Segundo ele, os peccuaristas não acatarão a fórmula proposta. "E uma questão de princípio", disse ao afirmar que em hipótese alguma aceitará a desapropriação da terra produtiva.

Para Ronaldo Caiado, o imóvel produtivo "é sagrado". Segundo ele, a Constituinte deve elaborar duas leis distintas, definindo produtividade em uma e função social em outra. Como justificativa, ele garantiu que existem dois problemas diferentes — um econômico e outro social. "Se um fazendeiro não respeita a função social, deve ser multado, preso ou pagar impostos progressivos, mas nunca desapropriado, porque economicamente ele é ativo", acrescentou.

Antes de se dirigir à biblioteca da Câmara, onde faria outra reunião com associados da UDR, Caiado defendeu a idéia de um plebiscito nacional "para ver se alguém nesse país defende a desapropriação da terra produtiva". Ele afirmou também que quem votar a favor desse dispositivo "irá pagar caro" no futuro, por todo o "caos" que irá provocar. E enumerou as possíveis "desgraças": instabilidade no campo, desinteresse por investimentos no setor primário e desapropriações ideológicas — "essas que vêm acontecendo há dois anos e meio e que serão normalizadas pela instituição", disse.

Irritado com as inúmeras horas de conversas pouco significativas — já que o principal ponto não o satisfaz —, Caiado criticou os constituintes: "Como podem chamar para acordo se eles próprios não aceitam o que nacionalmente é consenso? Se produz, paga impostos, não me desapropriar por um incidente trabalhista?".

Ele alertou que, após a criação da UDR, o poder político dos produtores nas bases eleitorais aumentou e hoje é capaz de inviabilizar qualquer candidatura que não seja simpática ao meio. "Os constituintes que duvidarem de nossas forças, podem fazer um teste nas próximas eleições", desafiou o presidente da UDR.

Dois mil ruralistas vão ao Congresso

Os quase 2 mil ruralistas trazidos a Brasília pela UDR chegaram ontem à portaria do Congresso com o ânimo de quem vai ao Maracanã em dia de Fla-Flu. Excitados, pequenos, médios e grandes produtores rurais se espremeram na entrada das galerias para garantir uma cadeira, de onde pudessem assistir, no plenário, à disputa que prometia ser acirrada. Apesar de os jogadores terem ficado a postos durante toda a tarde, nos bastidores os capitães dos dois times não chegaram a um acordo e ficaram fora do campo, frustrando a agitação torcida. Por volta das 18 horas, depois da longa e cansativa espera, os decepcionados militantes da UDR começaram a abandonar as galerias, rumo aos gabinetes, em busca de novos ingressos para a batalha que deve acontecer hoje à tarde.

Enquanto o líder da UDR almoçava no disputado restaurante do Senado, ao lado dos constituintes, a massa ruralista perambulava por todas as dependências do Congresso, meio perdida às vezes, em busca de orientação sobre o processo de voto.

Apesar da rigidez das seguranças para preservar o espaço que circunda o plenário, a causa ruralista provou que tem simpatizantes até mesmo entre os profissionais que cuidam do setor. "Se dependesse de mim, o Caiado entrava aqui com seus 2 mil companheiros. Ele é uma pessoa que eu admiro muito e defende uma causa que tem a minha simpatia. Mas infelizmente só cumprio ordens", lamentava o chefe de segurança do Senado, mais conhecido por Índio.

Na última portaria de acesso às galerias, os seguranças enfrentaram algumas situações embaraçosas, como a de um fazendeiro que, ao passar pelo detector de metais, ficou assustado com o alarme que reagiu insistentemente.

Só depois de alguns minutos, interrogado pela segurança se portava algum objeto de metal, explicou constrangido que possui uma prótese de platina em um dos braços. Sem bolsas e passias, recolhidas pela segurança, os assistentes não tinham permissão para entrar com nenhum outro objeto que pudesse ser utilizado para agredir os parlamentares no plenário, como já aconteceu em votações anteriores.

Apesar de não ter sido levada a voto, a questão da reforma agrária tomou conta de vários pronunciamentos feitos ontem na sessão da Constituinte. Se dependesse da defesa dos oradores que ocuparam os microfones em três horas e meia de pinga-fogo, prevaleceria como definição da matéria o texto da Comissão de Sistematização, que acaba com a especulação da terra e divide as propriedades improdutivas através de desapropriações pagas em títulos da dívida agrária. As galerias lotadas por membros da União Democrática Ruralista (UDR) chegaram a se manifestar para aplaudir os discursos dos deputados Assis Canuto (PFL/RO) e Siqueira Campos (PDC/GO) e ouviram em silêncio os outros oradores que defenderam a democratização da terra.

O longo pinga-fogo que levou quase 60 oradores aos microfones para falar de assuntos diversos, serviu de respaldo à reunião de lideranças que se realizou fora do plenário buscando um acordo sobre as questões agrárias. O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, só assumiu seu lugar às 17h55, para anunciar que o "difícil e complexo assunto" era tratado pelos líderes e coordenadores do

Artistas querem a produção por região

A obrigatoriedade da regionalização da produção cultural e artística é a principal proposta defendida pelos artistas, que lançaram ontem no Congresso uma campanha de convencimento dos constituintes em favor de suas reivindicações. Liderados pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio de Janeiro, eles estiveram no início da tarde com o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, que, acompanhado do relator Bernardo Cabral, prometeu analisar "cuidadosamente" suas reivindicações.

Para Otávio Augusto, presidente do Sindicato, a regionalização da produção artística representa acima de tudo a abertura do mercado de trabalho e a preservação dos valores culturais de cada região. "Não queremos ser transformados em enlatados dentro do nosso próprio País", justificou ele, informando que hoje toda a produção artística brasileira, principalmente no caso da televisão, é feita no eixo Rio-São Paulo, por apenas 800 profissionais, enquanto no País eles já são mais de 40 mil.

Em mural improvisado na sala reservada para os constituintes, anexa ao plenário da Câmara, os artistas (além de Otávio Augusto também estavam presentes Mauro Mendonça, Elizabeth Savala, Lúcia Alves e Ana Lúcia Torres) apresentaram depoimentos inclusive de outros com-

panheiros defendendo não só a questão da regionalização cultural, mas a aposentadoria especial para o artista.

No mural, a preocupação maior da categoria, contudo, é com a questão da produção regionalizada. Na defesa, muitos argumentos: Dina Sfat diz que é preciso "aproveitar esses talentos regionais que se perderiam tentando chegar até Rio ou São Paulo"; Eva Wilma lembra que as culturas regionais são "templos que precisam ser preservados"; Rosamaria Murinho ressalta o preconceito: "Se tiver sotaque não vai arranjar trabalho"; Imara Reis questiona o por que de somente um Estado "gerar, formar e divulgar o seu padrão cultural" e Milton Gonçalves arremata conceituando a produção regional como a "democratização da opinião nacional".

Além da regionalização da produção, eles querem a inclusão dos espaços cênicos, cinematográficos, musicais, ao conceito legal de patrimônio cultural; a fixação de percentual mínimo do orçamento da União, Estados e Municípios destinado à cultura; acréscimo da conceitualização de monopólio e oligopólio na comunicação e da expressão "comprovado desgaste físico e emocional" para a aquisição de aposentadoria com tempo inferior ao estabelecido, e, supressão do inciso I do parágrafo primeiro do Art. 256, que trata da censura, justificando que esta já foi tratada no Título II do Capítulo I.

A ESTRELA DO DIA

Uma sessão dura para Benevides



Mauro Benevides

Foi o mais longo pinga-fogo da história da Constituinte. Por mais de três horas consecutivas, cerca de 60 parlamentares se revezaram em suas queixas para uma platéia seleta, composta de líderes e simpatizantes da União Democrática Ruralista. Todos aguardavam os acordos sobre a questão agrária, sem que esses se consumissem. Deve ter sido também um dia especialmente duro para o 1º vice-presidente da Constituinte, senador Mauro Benevides (PMDB-CE), que, de ouvidos atentos a todas as reclamações, teve que se comover como um verdadeiro escudero do rei, protegendo seu presidente e segurando um plenário indôcil, que a todo momento movimentava-se no sentido de que a sessão fosse suspensa.

"O presidente está seqüenciando(sic) as negociações em seu gabinete, onde se encontra desde as 14 horas", justificava o vice-presidente, tentando conter, com sua voz pausada e seu jeito especialmente formal, a crescente agitação do plenário e também das galerias. Mesmo com toda essa disposição, Mauro Benevides não agüentou o batidão e, às 17h40, passou a batata quente ao 2º vice-presidente Mário Maia, que deu prosseguimento à sessão. Antes, porém, Benevides não parava de explicar que ele não podia encerrar os trabalhos. "Devemos esperar o presidente, Ulysses Guimarães, que dentro de mais alguns instantes estará aqui para transmitir, de viva voz, os encaminhamentos das negociações".

O próprio Ulysses Guimarães, que chegou ao plenário às 18 horas, assustou-

se quando lhe passaram a informação de que quase 60 constituintes já haviam fadado nos microfones dos apertados. "É muita coisa" — disse ele ao verificar uma fila dos que ainda pretendiam discursar. "A cotia já está esgotada. Nunca tantos falaram". Mas Ulysses não chegou a escutar nem dois discursos completos, ao contrário de seu 1º vice-presidente, Mauro Benevides, que escutou mais de 50.

Ele ouviu gritos contra a CPI do Senado. Reclamações contra o horário bancário da cidade de Caruaru, diversos cumprimentos ao Dia do Taquagráfico e homenagens ao ministro da Educação da Organização para Libertação da Palestina, em visita à Casa. Teve ainda que apertar os mais eloquentes e manter a ordem nas galerias.

Mauro Benevides, na verdade, cumpriu ontem o papel de grande apolador dos trabalhos constituintes, mantendo o plenário sempre com qgorum, apesar de não haver votação. As vezes, nem mesmo Ulysses conseguiu esse feito. Por isso, virou a estrela do dia.

Ruralistas aplaudem oradores do Centrão

Apesar de não ter sido levada a voto, a questão da reforma agrária tomou conta de vários pronunciamentos feitos ontem na sessão da Constituinte. Se dependesse da defesa dos oradores que ocuparam os microfones em três horas e meia de pinga-fogo, prevaleceria como definição da matéria o texto da Comissão de Sistematização, que acaba com a especulação da terra e divide as propriedades improdutivas através de desapropriações pagas em títulos da dívida agrária. As galerias lotadas por membros da União Democrática Ruralista (UDR) chegaram a se manifestar para aplaudir os discursos dos deputados Assis Canuto (PFL/RO) e Siqueira Campos (PDC/GO) e ouviram em silêncio os outros oradores que defenderam a democratização da terra.

O longo pinga-fogo que levou quase 60 oradores aos microfones para falar de assuntos diversos, serviu de respaldo à reunião de lideranças que se realizou fora do plenário buscando um acordo sobre as questões agrárias. O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, só assumiu seu lugar às 17h55, para anunciar que o "difícil e complexo assunto" era tratado pelos líderes e coordenadores do

Dois mil ruralistas vão ao Congresso

Os quase 2 mil ruralistas trazidos a Brasília pela UDR chegaram ontem à portaria do Congresso com o ânimo de quem vai ao Maracanã em dia de Fla-Flu. Excitados, pequenos, médios e grandes produtores rurais se espremeram na entrada das galerias para garantir uma cadeira, de onde pudessem assistir, no plenário, à disputa que prometia ser acirrada. Apesar de os jogadores terem ficado a postos durante toda a tarde, nos bastidores os capitães dos dois times não chegaram a um acordo e ficaram fora do campo, frustrando a agitação torcida. Por volta das 18 horas, depois da longa e cansativa espera, os decepcionados militantes da UDR começaram a abandonar as galerias, rumo aos gabinetes, em busca de novos ingressos para a batalha que deve acontecer hoje à tarde.

Enquanto o líder da UDR almoçava no disputado restaurante do Senado, ao lado dos constituintes, a massa ruralista perambulava por todas as dependências do Congresso, meio perdida às vezes, em busca de orientação sobre o processo de voto.

Apesar da rigidez das seguranças para preservar o espaço que circunda o plenário, a causa ruralista provou que tem simpatizantes até mesmo entre os profissionais que cuidam do setor. "Se dependesse de mim, o Caiado entrava aqui com seus 2 mil companheiros. Ele é uma pessoa que eu admiro muito e defende uma causa que tem a minha simpatia. Mas infelizmente só cumprio ordens", lamentava o chefe de segurança do Senado, mais conhecido por Índio.

Na última portaria de acesso às galerias, os seguranças enfrentaram algumas situações embaraçosas, como a de um fazendeiro que, ao passar pelo detector de metais, ficou assustado com o alarme que reagiu insistentemente.

Só depois de alguns minutos, interrogado pela segurança se portava algum objeto de metal, explicou constrangido que possui uma prótese de platina em um dos braços. Sem bolsas e passias, recolhidas pela segurança, os assistentes não tinham permissão para entrar com nenhum outro objeto que pudesse ser utilizado para agredir os parlamentares no plenário, como já aconteceu em votações anteriores.

Apesar de não ter sido levada a voto, a questão da reforma agrária tomou conta de vários pronunciamentos feitos ontem na sessão da Constituinte. Se dependesse da defesa dos oradores que ocuparam os microfones em três horas e meia de pinga-fogo, prevaleceria como definição da matéria o texto da Comissão de Sistematização, que acaba com a especulação da terra e divide as propriedades improdutivas através de desapropriações pagas em títulos da dívida agrária. As galerias lotadas por membros da União Democrática Ruralista (UDR) chegaram a se manifestar para aplaudir os discursos dos deputados Assis Canuto (PFL/RO) e Siqueira Campos (PDC/GO) e ouviram em silêncio os outros oradores que defenderam a democratização da terra.

O longo pinga-fogo que levou quase 60 oradores aos microfones para falar de assuntos diversos, serviu de respaldo à reunião de lideranças que se realizou fora do plenário buscando um acordo sobre as questões agrárias. O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, só assumiu seu lugar às 17h55, para anunciar que o "difícil e complexo assunto" era tratado pelos líderes e coordenadores do